

A DINÂMICA DOMÉSTICA DOS GRUPOS PESQUEIROS DAS LAGUNAS FLUMINENSES

Maria Emília Barcellos da Silva
Faculdade de Letras - UFRJ

ABSTRACT

Familiar dynamics of manual fishermen from the north of Rio de Janeiro (Brazil); house and home _ building and companionship rituals.

Os dados para este artigo foram recolhidos *in loco*, com o objetivo primeiro de estruturarem o *corpus* da pesquisa de cunho etnolingüístico sobre a memória e o

falar das comunidades pesqueiras das lagoas fluminenses. Juntamente com informações de natureza eminentemente etnográfica, apresenta-se aqui uma breve mostra das práticas fonéticas dos informantes⁽¹⁾, das suas estruturas expressivas e, a tudo permeando e revelando um universo rico de tipicidade e experiências, ressaltam-se o acervo lexical com que o indivíduo organiza e expressa o seu *estar-no-mundo* ⁽²⁾, demarca o seu *tempo* e o seu *espaço* individual e coletivo.

1 - Para reproduzir a fala dos informantes, de sorte a torná-la acessível ao público não especializado, (a) sempre que possível, quando não implicava perda da variação na fala registada, manteve-se a grafia das palavras dentro do sistema *ortográfico* vigente _ daí escrever-se, por exemplo, "chegar", "rápido", "pescaria"; (b) quando se detectou alguma peculiaridade na elocução dos informantes, transcreveram-se, *grafematicamente*, as vozes dos inqueridos ligando os seguintes sons às seguintes letras: ao **velar sonoro**, <g> e, ao **surdo**, <k>; ao **palatal sonoro**, <j> e, ao **surdo**, <x>; aos **dentais surdos e sonoros, palatalizados diante de (i, y)**, respectivamente <t> e <d>; ao **sibilante sonoro**, <z> e, ao **surdo**,

<s>. Os **sons vocálicos** _ centro de sílaba _ foram grafados tal como foram ouvidos; os **semivocálicos** _ periferia de sílaba _ , com <y> (se anterior) e, com <w> (se posterior). Os acentos gráficos nas vogais tônicas, além de atenderem às exigências normativas da escrita, cumprem a tarefa suplementar de informar o timbre (aberto ou fechado) do segmento vocálico representado.
2 - Por determinação metodológica, os informantes da pesquisa são naturais da localidade, analfabetos ou semialfabetizados e vivem exclusivamente da pesca artesanal.

A disposição, a construção e o funcionamento da casa

Quer pela herança cultural que (trans)formou a região em epígrafe, quer pela ânsia natural de ter as suas próprias raízes assentadas no espaço que pode vislumbrar como “seu”, a casa, para o grupo pesquisado, é consensualmente o abrigo seguro para os bens móveis da família _ “*ôndi si guarda as koza i si dixkansa u kôrpu*”.

A criança tem na casa o seu reduto inexpugnável, defesa segura às ameaças a que se possam expor e onde encontram o conforto e a tranquilidade de que necessitam para crescer psicologicamente saudáveis.

O adolescente raramente entra em conflito com a casa: os rapazes buscam estatuir grupos de lazer e de trabalho com conhecidos, e as moças _ iniciadas desde cedo nas tarefas domésticas por brincadeiras e pequenas incumbências _ aproximam-se do procedimento adulto que repetem com pouquíssima inovação.

O “homem feito” separa-se apenas relativamente da sua casa ancestral por força do trabalho a executar: mantém-se apegado ao lar, espaço em que, única e exclusivamente “*pur sê ômi*”, o seu prestígio familiar é constantemente reforçado. O varão, seja ele chefe seja ele dependente, liga-se fortemente à casa que, em geral, em termos concretos, foi obra do esforço próprio, conjugado à solidariedade dos amigos que, em mutirão _ “*pur umayx serveja, uyns pêxi frítu i promessa di ritribuisãw du favô*” _ o ajudaram a erguer os alicerces e a vestir as paredes

da morada.

Teoricamente, cada nova família constituída determinaria o aparecimento de uma nova casa; na prática, no entanto isso não se dá: por imposição econômica, o jovem casal passa a residir com a família ou do noivo ou da noiva, ainda que com o pensamento fixo na “*sua kaza mêjmu*”, aquisição que lhe dará foros de igualdade aos demais afamiliados: só então o rapaz será “chefe de família” _ como o seu pai _ e a moça, “dona de casa”, “senhora” _ como a sua mãe; o par galga, com a casa própria, o patamar que o livrará da posição subalterna que antes ocupava. É tão importante esse passo na escalada social, que o casal, ao adquirir a sua propriedade, anuncia, ao portal da casa, ou, por meio de dísticos, que ali é o *Lar de Pedro, Lar dos Filhos*, ou, por iniciais, o nome do proprietário. A nova família raramente rompe o elo com a família nuclear de origem, tanto é que o novo lar é sempre idealizado e concretizado próximo à casa paterna de um dos cônjuges, impondo, pela forma com que ocupa o espaço, novos traçados de ruas e até de bairros que passam a ser identificados pelos nomes das famílias-tronco, cujos membros vivem aglomerados “*kumu karanguêju*”.

As famílias mais numerosas distribuem as suas moradas de acordo com as premências do terreno, sendo comum uma certa confusão no traçado das ruas que buscam, antes do mais, fugir dos charcos e alagados, ignorando o plano-diretor da cidade: as residências agrupam-se maximamente, nos lugares mais favoráveis, em terrenos que distam um do outro de 2 a 40

metros, preservando, sempre que possível, ao seu redor, uma área bem limpa, não raro calçada.

A **frente das casas** é o lugar em que a família costuma sentar “*pra pruveytá a frexka*”; os fundos são reservados para os serviços domésticos; as laterais, ocasionalmente, comportam uma horta singela sobre a qual se estendem velhas redes de pesca para protegê-la dos animais domésticos, criados à solta _ hábito que está desaparecendo porque “*a rubarya kumesô duyx têmpu pra ká*” (numa clara referência aos forasteiros que, com as novidades, trouxeram a inquietação à outrora tranqüila região). Quando construídas à beira das estradas de rodagem, as casas seguem um alinhamento impositivo pela natureza da localização; se, no entanto, se localizam longe dessas vias, as casas _ principalmente as de Arraial do Cabo _ avançam e recuam assistematicamente em relação às passagens, criando um verdadeiro emaranhado de vielas; de tão confuso mapeamento resultante das construções aleatórias, a Prefeitura esboçou uma planta precariamente traçada “*só kumprida pur keym num tinha amígu importânti*”.

A expressão “lá em casa”, portanto, significa bem mais do que a referência a um lugar: é a moradia, é a segurança, é o centro da vida afetiva; a menção “*kaza di papay*” ou a “*kaza di Zé di Kínkayx*” (que significa “*Kaza du filyu di Kínkayx*”) são organismos de suma importância para o processo de integração cultural e de reciprocidade de tratamento.

As casas têm as dependências intercomunicadas por portas e corredores estreitos. Em geral, há uma pequena sala para receber visitas, mobiliadas com um “terno” _ sofá e duas poltronas _, uma mesinha de centro e um móvel onde se guardam toalhas de mesa e paninhos de crochê e sobre o qual se exibem, ao lado de imagens ou quadros de santos, retratos de familiares vivos e mortos, estes reverenciados com flores quase sempre artificiais (“*pra num dá trabáyu di kuydá*”). A grande maioria das casas visitadas dispunha de aparelho de TV, disposto em lugar de destaque no cômodo principal.

O casal dispõe de um quarto para si, cuja área é quase toda ocupada pela cama; abaixo da janela, é comum encontrar-se uma cômoda, com gavetas para guardar a “*ropa di kãma*” e, no canto, um armário para “*ropa di pindurá*”.

O filhos têm quarto à parte, mobiliada com **beliches** ou camas onde se acomoda mais de um rebento. Quando a família é numerosa, os meninos mais velhos dormem no **sofá da sala**, que cumpre a dupla finalidade de receber visitas e servir de leito.

A **cozinha**, em geral, é de **chão lajeado**, e as paredes dos mais aquinhoados são ladrilhadas. Há um indefectível **filtro de barro** na ponta da **pia**, demonstrando o cuidado dispensado à **água de beber**. A **geladeira** é outra constante nas cozinhas dos pescadores em virtude da necessidade de armazenar principalmente o **pescado** que é reservado para o consumo familiar. Completa o mobiliário o **fogão a gás engarrafado**, ao lado de um outro **a lenha**; uma **mesa**

com **cadeiras** ou **bancos** em cores claras (quase sempre de fórmica para os mais favorecidos da sorte e de madeira “crua” para os de menores posses).

O **banheiro**, quando dentro da casa, é diminuto: mal contém o **vaso** sanitário, uma pia minúscula encimada por uma torneira; no ângulo da parede, uma **cortina de plástico**, pendurada em um cano em forma de “L”, envolve um **chuveiro** _ na maioria das vezes elétrico, substituto da velha “**bacia de banho**” de outros tempos. Quando fora de casa, o banheiro resume-se a uma torneira externa, a um quartinho de madeira tosca, cujas paredes apresentam frestas entre as tábuas e nas juntas da porta, a qual se fecha com uma “*tramela*” mal pregada; lá se encerra um vaso sanitário também de madeira, sobreposto a uma fossa aberta no chão para recolher dejetos.

O **tanque de lavar** roupa fica próximo à casa, circundado por um **chão lajeado** e coberto por um teto de madeira ou de zinco, para que a chuva e o sol não interrompam as tarefas ali realizáveis.

O tipo de construção mais primitivo é o de **pau a pique**, cujo **esqueleto** consta de quadro **postes** em retângulo, unidos na parte superior por **barrotes reforçados**; a madeira usada é de 30 X 50 cm de diâmetro, regulando a espessura do teto que irá sustentar. Os umbrais das portas vão do chão até o **barrote superior**, à semelhança dos **caixilhos das janelas**; o **pé direito** raramente excede a 2 m de altura. É costume pintar uma cruz na porta de entrada _ uma proteção contra os malefícios e os maus espíritos.

Os intervalos entre as portas e as janelas são preenchidos por **ripas** verticais de madeira menos grossa do que a usada para levantar as paredes ou por troncos de **palmeira de tucum**. Perpendicularmente às ripas, na horizontal, colocam-se **talas de madeira** ainda menos espessas; para revestir as ripas, por dentro e por fora; aplica-se **barro** entre as mesmas, atirando-se a massa de um lado e de outro da parede, a um só tempo (“*kwandu u dinhêru dá, si revésti túdu kum masa, kaw, bárru, água i simêntu, kayandu túdu kum arvayada*”).

Apesar desses cuidados, não raro, as paredes apresentam frestas que não impedem o perpassar do **vento sudoeste** dentro dos cômodos, pois “*u bárru kay i abri buráku nayx parêdi ki dévi sê intāw kalafetada kum ixtopa, papéw i masa di simêntu*”.

O **teto** é feito de **caibros** finos, amarrados com **cipó nos cruzamentos**; só recentemente passaram a usar pregos. Sobre os **caibros amarrados**, colocam-se **bambus** e **taquaras** e faz-se uma **cobertura de sapé**.

A madeira preferida para essas casas era o **ipê** (*Poegonia SP.*), a **garaúna** (*Melanoxylon brauna Schott*), o **bacupari** (*Rhedia superba Cham.*), a **maçaranduba** (*Lucuna procera Mart.- Minisopa elata*), o **sapé** (*Imperata brasiliensis*).

O **chão** é de **barro umedecido** e batido com **pilão**, depois pisoteado pelos futuros moradores “*pra assentá beym*”.

As casas de madeira em geral não eram, até bem pouco tempo, dotadas de banheiros com aparelhos sanitários, e os detritos acumulados à noite, em vasos pró-

prios, eram atirados nos **cômoros** e nos **matos** mais densos dos arredores, o que fazia exalar um odor pestilento dos casarios que o **vento** e o **tempo quente** só fazia acentuar. As **casas de material** têm banheiros com aparelhos sanitários ainda que servidos por **redes de esgoto** bastante precárias.

O advento do **tijolo** e da **telha**, em substituição ao **barro** e ao **sapé**, impôs uma nova figura nas construções _ o pedreiro _ e uma nova concepção de moradia, porquanto "*uma kaza di madera dura pértu di déyz ano; a di tijôlu dura fásiw kwarenta*". Além do mais, uma *casa de material* sinaliza maior prestígio social para o seu proprietário.

O lar: a divisão de trabalho e os rituais de convivência

O conjunto casa-família é demarcado por atividades somatórias que raramente se confundiram: o homem contribuía com a parte financeira do sustento da casa, enquanto à mulher competia a direção e a preservação do espaço familiar, a aplicação do dinheiro ganho pelo homem, importância que, hoje, freqüentemente, ela implementa com trabalhos extras, quais sejam **lavagem de roupa pra fora**, e **faxinas para turista**. Muito recentemente a mulher começou a desempenhar tarefas fora do lar; principalmente se ela pertencer às faixas etárias mais jovens da população, ocupa cargos públicos _ em especial os do magistério primário _ e desempenha atividades privadas, como as de manicure, cabelereira,

vendedora em casas comerciais, empregada doméstica, cozinheira .

Esses novos afazeres dividiram as mulheres em dois grupos: as que "*trabalham dentro de casa sem sair*" e as que se "*trabalham fora de casa*", ainda que, não raro, estas últimas dupliquem a sua jornada com trabalhos fora e dentro de casa.

Em que pese às mudanças de hábitos impostas pelas dificuldades em prover o sustento familiar, as horas da refeição ainda reúnem pai, mãe, filhos e os possíveis agregados do clã.

O dia de trabalho começa mais cedo para a **mulher-dona-de-casa** _ o sol é o seu despertador: quando ele aparece, começa a faina quer cuidando dos filhos menores, quer tratando do marido para quem prepara as refeições "*pra levá u pra kumê im kaza*", em especial quando o marido está na **canoa do dia** ou quando é época de **pescaria forte**, pois "*u pexkâdu num teym ora pra akurdá*". O reconhecimento do árduo labor feminino, se existe, é mal explicitado: só é realmente louvado quando o sistema familiar se descontrola por doença ou por morte da mulher.

Além de literalmente acorrentada aos trabalhos caseiros, a mulher vê recair sobre si a responsabilidade de obter o sustento da casa quando o homem se desemprega.

A lida diária faz a mulher gravitar em torno da casa, ao mesmo tempo em que afasta o homem do seus muros.

Para o homem, a grande missão da companheira é a de satisfazer-lhe os desejos e as necessidades: além de "*reprodutora*"

e, às vezes, “sócia-contribuinte” em trabalho e em capital, “*ainda teym ayx ki sãw verdadiera kriada-ixkrava duyx marídu*”.

As qualidades mais louvadas para uma moça casadoira são o desvelo e a boa vontade, a destreza e o vigor físico. A fama de *preguiçosa* dificulta a realização do anelo em encontrar um marido ou companheiro (“*si exta fama kórri, ningueym ké ela pra kazamêntu*”). Outra qualidade muito cultivada entre as jovens é a da iniciativa: o homem tem de poder confiar a sua casa a uma mulher capaz de administrá-la na sua ausência.

As funções da mulher no lar são esboçadas desde cedo, nos hábitos impostos às meninas _ elas fazem compras na venda, carregam água, levam recados, preparam refeições rápidas para os pais e irmão levarem para o serviço, repetindo, assim, em menor escala, as tarefas maternas.

Os conflitos entre os irmãos são resolvidos de sorte a anteciparem as vantagens que mais tarde os homens adultos vão gozar na comunidade: “*uyz mininu pudiyãw dexá ayz ropa ôndi kizessim; ayz minina tinhum di guardá túdu: ôji vô criá mew filyu diferênti... num fásu kextãw di kriá máxu dêntu di kaza, kéru kriá ômi kapayx*” _ essa declaração deixa óbvia a diferença no tratamento dos filhos homens, comportamento que planta a submissão nas meninas e a onipotência entre os meninos, atitude que, segundo a mesma informante, “*u múndu num aseyta maix*”.

As rixas domésticas são evitadas ao máximo, sendo ridiculizado “*ômi ki báti boka*

im kaza”, fato que depõe contra a fortaleza do papel masculino. Quando há altercação entre o casal, invariavelmente a mulher é a mais criticada e apontada como a responsável pelo quebra da paz da vizinhança. Mesmo quando é conhecido o comportamento desregrado do homem que se excede em bebida ou em “*noitadas kum otrayz mulherix*”, a mulher deve guardar silêncio e conformidade, lições que lhe foram ensinadas desde a mais tenra infância pela maneira com que se resolviam as questões familiares.

Quando a mulher quebra as regras de conduta e de disciplina dela esperada na convivência familiar, via de regra o homem não a abandona de pronto: a criação dos filhos, os cuidados da casa, da sua roupa e o preparo da alimentação _ tarefas tacitamente aceitas como femininas _ fazem do homem um dependente desses serviços. Por isso, ele ou finge ignorar as **desobediências** da mulher às suas ordens ou cobra-lhe submissão usando até de violência física. A **insubordinação** feminina é rara nas mulheres de faixa etária mais alta (quase sempre de baixa ou nenhuma escolaridade), daí ser comum ouvir-se “*ki uyz ixtúdu ajudum dum ládu e perjudikum di ôtru*”.

O raio de ação da mulher é bem delimitado pelo impedimento da sua presença em determinados lugares públicos, porque, neles, “*muyé diretya num entra neym di dia*”; a essa assertiva sempre se segue a informação suplementar “*aki só veym ômi num é pur nada nãw: é só kuxtúmi; de muyé aki só entra a Anita* ⁽³⁾, *ki teym ixtúdu i*

3 - O informante refere-se aqui a uma bióloga, cabista, que trabalhava no Centro de Pesquisa Marinha (conhecido como “Ressurgência” _ Arraial do Cabo/RJ).

sábi kunversá". À mulher também está proibida a ingestão de certas bebidas: *"muyé pódi bebê uma servejinha di veyz im kwandu, mayz muyé ki bébi kaxasa num prexta"*.

Apesar de todas as restrições estabelecidas ao raio de ação da mulher, encontra-se as que trabalha(ra)m ou, diretamente, na pesca _ em geral na **pesca de linha** _ ou, indiretamente, **tecendo, tingindo e remendando redes**.

Antes do advento do **querosene** e do **gás de cozinha**, o raio de afastamento geográfico das mulheres era definido pela necessidade de **arranjar lenha** para preparar a alimentação e os banhos da família. Essa coleta, que praticamente extinguiu todos os **capões de mato** próximos aos núcleos comunitários, fazia parte da rotina doméstica: o homem só *"ia à lenha"* quando a mulher estivesse impedida de fazê-lo. A pesada tarefa de buscar lenha precisava ser feita em duas etapas, ocupando toda a segunda metade do dia.

A lenha raramente era comprada em virtude do alto preço cobrado pela **talha**: o valor da carga era calculado pelo número de **ripas** de um **feixe** comum _ cerca de 50 unidades.

A mulher *"ia à lenha"* em grupos de, no mínimo três pessoas, quando a distância era pequena: quando era mais distante, o grupo aumentava não só para facilitarem o auxílio mútuo requerido pela tarefa, como também para salvaguardar as componentes dos perigos representados pelos **"homens de fora"** _ temor que perdura até hoje, exteriorizado pela clara aversão dos nativos

aos **"carimbôs"** (denominação dos estranhos ao lugar). Dessa desconfiança prévia das intenções dos estrangeiros, fortaleceu-se o hábito de desconfiar de qualquer aproximação imprevista: se uma mulher for abordada por um desconhecido sem que a fala deste seja precedida por um formal *"kum lisensa"*, ela se sentirá irremediavelmente ofendida; por outro lado, se estiver acompanhada por um homem, é a ele que o **"pedido"** para entabular conversação deve ser dirigido. Desconhecer essas regras é expor-se a graves conflitos, pois a **"quebra do respeito"** é a causa mais freqüente dos desentendimentos entre os nativos e os **"invasores"** da comunidade.

A busca da lenha cumpria um ritual bastante animado: o grupo saía ou em fila indiana ou em aglomerado, cada um levando uma pequena **lata para beber água** (*"nu káwzu di sêdi era só abri uma kasimba i bebê"*); o esquecimento da lata criava sérios embaraços, pois não era bem visto nem emprestar esse utensílio para beber nem beber água na concha da mão, *"purki uyz ôtru fikavum kum nôju"*.

A lenha era cortada com **foices, machados, machadinhas, facões de mato**. Os **galhos** eram reunidos em **feixes** que eram amarrados por **cipós** _ *"ayz veyz era may dimurádu inkuntrá u cipó du ki ajuntá a lenha"*.

A volta requeria grande vigor físico: o feixe era colocado sobre a cabeça, deixando aos braços a tarefa de manter o equilíbrio do corpo no deslocamento. Para transportar a lenha, a mulher usava à cabeça a **punga** ou a **rodilha**, dependendo do feitio

dado à toalha ou ao pano velho usado para atenuar o contato do fardo com a cabeça. A punga era o pano dobrado, com as bordas caídas até os ombros, usada para o transporte de cargas mais leves. A rodilha era o pano enrolado como **rolete**, para carga mais pesada (cerca de 20 quilos).

A volta a casa era bem mais silenciosa do que a ida: a passos lentos, a mulher buscava concentrar todas as suas forças para executar o transporte dos seus incômodos fardos.

Ao chegar ao lar, a mulher livrava-se do feixe no **quintal**, jogando-o ao solo pela frente do corpo; em seguida, relaxava os músculos exauridos, sentava-se em um banco enquanto enxugava o rosto e o pescoço com a punga ou com a rodilha agora transmudadas em toalha.

Mal refeita da **ida à lenha**, a mulher tinha de preparar a “janta” e o **banho da família** e, para isso, a água potável era fundamental e já deveria estar providenciada para este dia e para o subsequente: o seu suprimento - encargo prioritariamente feminino - era feito por algumas idas-e-vindas às **cacimbas, poços** ou **bicas**, uma vez que a **água encanada** é conquista recente naquelas plagas. A origem da água definia o seu aproveitamento: a da cacimba ou a da bica, servia para beber e lavar “*sertays ropa*”; se do *poço*, para lavagem de roupa em geral e para a limpeza da casa e do material de cozinha.

Os poços eram abertos nas ruas e nos quintais das casas, passando a ser identificados segundo o nome do proprietário do terreno onde estivessem ou por alguma singularidade que ostentassem (“*pôsu di Zé di*

Zeka”, “*pôsu di tijôlu da padarya*”).

O uso de poços de particulares _ comumente abertos em mutirão _ tinha de ser autorizado pelos donos do benefício

A água das cacimbas da Praia Grande (Arraial do Cabo) era havida como a de melhor qualidade da região: durava pouco e não pertencia a ninguém em especial: as poças eram abertas onde melhor conviesse e, logo após serem usadas, abandonadas ao vento e à areia que se encarregavam de fechá-las. A localização privilegiada dessas cacimbas converteu-as, de pontos naturais de coleta de água potável, em locais equipados com estruturas mais estáveis. Tal era a fartura d’água que havia cacimbas exclusivamente dedicadas à lavagem de roupa: eram abertas diariamente pelas lavadeiras, que as abandonavam ao fim da jornada.

Na Praia dos Anjos, já não existiu a mesma abundância hídrica da Praia Grande, havendo mesmo épocas críticas de seca que obrigavam os usuários a percorrer grandes distâncias para uso de mananciais vizinhos.

O transporte d’água era feito em **latas grandes de manteiga**, com capacidade de cerca de 10 litros. Os vasilhames de barro eram evitados pela fragilidade (se comparados aos de lata). Essa tarefa doméstica foi a primeira a que o homem aderiu: começou sendo executada pelos **rapazes encalhados** “*ki viviwm di bixkcáti*” ou pelos homens que estivessem desocupados dos seus afazeres costumeiros. No entanto, mesmo realizando essa tarefa em comum com as mulheres, os homens não usavam os mesmos **poços**, nem as mesmas **cacimbas**

nem as mesmas **bicas** que elas.

A coleta d'água se revestia de grande cautela, devendo ser rigorosamente observados os hábitos da comunidade em que o ponto estivesse instalado. As regras de conduta eram claras e inflexíveis: era imperdoável "*tumá bânhu na praya i tirá u saw kwa ágwa du pôsu*"; era execrado quem atirasse objetos estranhos ou "*guspisse*" dentro do poço ou cacimba; era inaceitável lavar peixe nos pontos d'água _ essas transgressões constituíam bem mais do que mera violação das regras de higiene: eram afrontas pessoais, capazes de gerar severos conflitos. O cuidado com a água também incluía a fiscalização dos **baldes** usados para retirá-la: "*bawdi di kasimba num intrava im pôsu*".

O transporte da água variava conforme quem o realizasse _ os homens carregavam o líquido em duas **latas** suspensas na ponta de uma **vara** resistente que passavam por trás do pescoço, sobre os ombros; as mulheres repetiam o uso da punga e da rodilha utilizada na coleta da lenha.

O consumo da água conseguida com tanto esforço era muito intenso: além de suprir o banho diário, todos _ principalmente os filhos menores _ lavavam-se a toda hora em virtude do verdadeiro pânico que lhes era implantado em relação ao contágio de doenças de pele, inço de piolhos e parasitas.

Talvez implantado pelas **idas à lenha** ou pelas **coletas d'água** potável, estabeleceu-se entre as mulheres o costume de realizarem as suas tarefas em **grupos de trabalho** (...e **de conversa** _ onde, quase sempre, se dava continuidade ao assunto co-

meçado antes, nas **rodas de lavadeiras** ou **de rendeiras** e que revelavam todos os acontecimentos que fugissem aos padrões em qualquer nível de complexidade. Sobre essas conversas, as informantes estabeleceram uma verdadeira gradação tipológica entre elas: as "*rapidinha, ki infórmum uyz úrtimu akuntecimêntu*" e as "*kumprida toda vida, ki rekôntum tudinhu ki ajkuntési*". As primeiras são travadas entre as tarefas, as outras coroam um dia de trabalho. Entre esse dois tipos extremos, estão as "*kunversa di kintaw*", em que as cercas divisórias não implicam a interrupção nem do trabalho doméstico nem do assunto.

O **mexerico** atua, em verdade, como controlador social, pois é definitivamente estigmatizador "*kaí na boka du pôvu*". O mexerico exerce a ação catalisadora da agressividade do grupo que, só muito raramente, explode colericamente: as lutas corporais entre os nativos são escassas não obstante as ameaças serem feitas, mas só "*da boka pra fora*".

No âmbito do lar, o cuidado com os filhos é uma vigília constante: as filhas mais velhas **tomam conta** das crianças menores em substituição à mãe por vezes impedida de fazê-lo. Os homens não se envolvem diretamente nos problemas domésticos, estabelecendo o que se poderia entender como uma instância superior para solucionar as crises familiares ("*kwandu u pay `vortá a jênti kunversa...*").

Os pequenos são costumeiramente trazidos ao colo e tratados com muito carinho pelas mães, conduta que reforça o ditado "*mãy ajunta, pay ixpayá*".

O primogênito do sexo masculino ocupa um lugar especial na família, fato mascarado pela afirmativa de que “*asim a jênti vay tê kumpaniêru pra pexka*”, o que de certa forma contradiz frontalmente a declaração de que “*num kêru filyu mew nu má: é uma vida mútyu sakrifikada*”.

Ao acordar, a família trata da higiene pessoal e toma o café _ antes feito em **fogareiro a álcool**, hoje **a gás**. Só quando tudo está pronto, as crianças saem da cama, lavam-se e sentam-se à mesa para uma refeição constituída de **café puro com pão sem manteiga** _ desse costume que bem revela as dificuldades financeiras dos pecadores, origina-se a expressão “é como manteiga no pão” significando “situação favorável, exitosa”.

O trabalho doméstico segue um cronograma rígido: limpeza do fogão, varredura da casa, móveis espanados, camas feitas, lixo despejado (ou jogado na rua ou entulhado no quintal).

Mesmo que a mulher faça **trabalhos pra fora**, o preparo das refeições é tarefa sua (mesmo que o marido desempenhe funções de cozinheiro em barcos ou em hotéis, em casa, ele não cozinha).

É costume comerem entre as refeições principais, em especial as crianças “*bilixkum u têmpu tôdu: vay banana, vay kokada, vay pirulitu, sobra du kafé*”. Quando os homens estão pescando, as mulheres lhes mandam pratinhos com **canjica, café com pão, coisa feita em casa**.

O almoço começa a ser preparado por volta das dez horas: o cardápio, em geral, é simples: feijão _ prato constante _

farinha, ocasionalmente arroz e algum legume, peixe.

Na Praia Grande, Prainha e Pontal, os homens almoçam em casa, só rompendo esse hábito “*kwandu tá dano mútyu pêxi*”, oportunidade em que se alimentam na praia, com o que os filhos lhes levam; na Praia dos Anjos, o pescador não vem a casa para o almoço, porque **pescar em mar aberto**: sua alimentação é preparada em terra _ “*café prêtu, pãw kum mantiega i, ayz veyz, murtandela*”.

As refeições em família são silenciosas; se instado à conversa, o homem responde monossilabicamente.

Os filhos menores comem antes dos pais, “*pra num kebrá u rexpêtyu*”: as crianças só são admitidas à mesa quando não perturbarem a refeição. Se bem educados, os pequenos não devem escolher nem pedir o que vão comer. Os petizes podem usar as mãos para comer, fazendo bolinhas de comida com os dedos: os adultos usam garfos e facas, só apelando para os dedos quando “*uyx pedásu fika kumprikádu*”.

Os mais velhos criticam a frouxidão da atual autoridade paterna, comparando-a com o rigor com que foram criados: as concessões são atribuídas às novidades trazidas pelos **de fora**.

A importância do homem na comunidade é reiterada pela submissão da mulher no ritual das refeições: quando o homem convida amigos para almoçar ou jantar, a mulher não se senta à mesa: põe a toalha e os pratos sobre a mesa e retira-se. Os homens ficam à mesa; entre eles circula uma bacia e, nela, na mesma água, os convivas

lavam as mãos, que secarão numa toalha também comum a todos os convivas.

Após a refeição, serve-se o café.

Findo almoço ou jantar, os homens afastam os bancos e as cadeiras para continuar ou começar uma conversa sobre o dia a dia.

Se algum imprevisto acontecer nesse ínterim, a mulher será repreendida pelo marido à frente de todos, ela se desculpará “envergonhadíssima”.

Quando a visita for feita por um casal, a mulher sentará à mesa e servirá a refeição obedecendo à seguinte ordem: o visitante, a mulher dele, o marido e, por último, ela própria.

À refeição, cumprem-se, rigorosamente, os seguintes preceitos da **boa educação**: “é *fêyu*” adultos e crianças pedirem comida à mesa ou escolherem pedaços grandes de carne; “é *mútyu fêyu*” cuspir comida no chão (“*keym persizá guxpi, góxpi lá fora, dixpoyz di pidli lisensa*”); é “*dayx koyza mayx feya ki inzísti*” mastigar fazendo barulho; as espinhas de peixe devem ser postas sobre a toalha (é, no mínimo estranho, colocá-las à beira do prato).

A **sesta** é um costume da região: o homem dorme no quarto ou numa **esteira** na **varanda**; esse repouso só é interrompido se vier da praia algum pedido de ajuda para os que estão na pesca.

Em datas especiais, servem-se às refeições os pratos típicos da região, cujo preparo é verdadeiro patrimônio de certas famílias. Nesse caso, estão o preparo da **ova de tainha**, a **sopa de tartaruga**, **camarão com molho**, **peixe recheado** ou **assado em folha de bananeira**, **pirão de peixe com ba-**

nana da vez. Quando há sobremesa, ela consta de **fruta da época** e, quando há visita, serve-se **doce comprado**.

As bebidas caseiras restringem-se a **chás** medicinais, **mezinhas**, **garrafadas**, **batedinhas de cachaça**.

A higiene do corpo é muito considerada pela comunidade: o cheiro de suor é detestado _ “*dá repunansa nas pesoa*”_, e o “*katinguêntu*” é alvo de zombarias que vão desde os ditos escamoteados por brincadeiras até o escárnio explícito. O banho morno _ “*pra tirá a friáji i refazê ayx forsa*”_, diário, cumpre a função de não só remover o cheiro de peixe entranhado na pele do pescador, mas também de retirar o sal que lhe queima a pele.

Quando não dispõe de um banheiro convencional, o adulto toma banho sentado numa bacia _ a mesma onde a roupa é levada _, despejando a água pela cabeça.

O anoitecer encontra a família reunida.

Qualquer atraso do chefe da casa é motivo de preocupação principalmente se é “*tiêmpu di suduésti*”, vento temido pela sua violência. Os maus presságios só são afastados quando o vulto do marido, mais adivinhado do que vislumbrado, assoma no começo da rua.

O pescador chega a casa, acaricia os filhos; a mulher, na cozinha, requeenta as sobras do almoço transformando-as em jantar.

A limpeza dos pratos é tarefa da dona-da-casa e das filhas mais velhas; as sobras da refeição são jogadas no mato ou dada para os animais domésticos; as pane-

las serão areadas no dia seguinte: faz parte do brio feminino “*num dexá prêtu nu fúndu dayx panela i dexá elas brilyându*”. Para tanto, usa-se sebo de carne na face que fica em contacto com o fogo. O gás e os abrasivos industrializados foram grandes conquistas para essas orgulhosas “rainhas do lar”

Se não fizer nem receber visitas, a família se reúne para uma conversa que nunca ultrapassa as vinte e uma horas: o marido conta os casos do dia, a mulher mais escuta do que fala, enquanto costura ou remenda a roupa da família _ tarefa rotulada como **passatempo**.

Todos se dão “bwa nôyti” antes de se recolherem..

Quando os filhos têm quarto separado do dos pais, os irmãos maiores dormem juntos, em **camas de meio-casal**, e os menores, em **berços** que já serviram a outros filhos. Irmãos e irmãs dormem juntos “*até têm intyendimêntyu*”, ocasião em que são distribuídos pela casa.

Se o marido não vier dormir em casa, cabe à mulher verificar se as portas e janelas estão fechadas e deixar um **candeiro** aceso “para uma emergência qualquer”: tudo conferido, ela veste ou a camisola, ou o pijama ou uma roupa velha “*ki num dá mayx pra saí*”.

O sono vem; a mulher dorme sem relaxar de todo _ a ausência do companheiro lhe traz uma preocupação conhecida e indomada pelo tempo; o cansaço vence o corpo que trabalhou o dia inteiro, e o repouso embala aquela que sabe muito bem que, se “Deus quiser”, amanhã tudo há de ser absolutamente igual ao que foi hoje... e o sono, com dedos leves, acalantarà a espe-

rança adormecida num ritmo que, em tudo, repete _ por certo _ o balanço do mar em cujas ondas os barcos também se aconchegam quando param de navegar.

Apesar de ser a voz masculina a que mais se ouve no relato da pesca, é a da mulher que atua como caixa de ressonância das informações etnográficas capazes de permitir que se chegue ao recôndito das relações familiares que estruturam as comunidades em estudo. Ambos, homem e mulher, tecem juntos, redes, histórias e esperanças tal como fizeram seus antepassados; de certa forma são eles cúmplices no aprisionamento do tempo e na preservação do espaço em que vivem. Ainda que sejam as embarcações o prolongamento das suas casas, e as ondas, o êmulo das suas energias, é em terra que o pescador ancora o seu cansaço e se refaz dos embates cotidianos _ daí a importância da casa para esse artesanato especialíssimo, que, contrariando o poeta certamente ainda não “ama mais a rede do que o mar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERENGER, Abel. (1962) *Dados históricos de Cabo Frio*. Rio de Janeiro: mimeo.
- DIAS Jr., Manuel José. (1983), *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática.
- SILVA, Maria Emília Barcellos da. (1988) *O homem e o mar da Região dos Lagos/RJ*. Rio de Janeiro: UFRJ. (Polic.)